

Caminho dos Rios



O destino não é mais importante
que o percurso.

"Viajar é trocar a roupa da alma". Assim Mário
Quintana descreveu a sensação de conhecer
novos lugares, outras pessoas e costumes
diferentes. O que diria o poeta se ele viajasse de
caiaque durante dias por um rio verde azul
margeado de alva areia fina? Viajar de caiaque
é banhar-se e lavar a roupa da alma.

NA BOCA DO CUPARI

Esta era a cena: peixes batendo o rabo, botos saltando sem pressa, tracajá botando a cabeça fora d'água ("pra saber se já tem praia"), gavião panema espiando.

Foi ontem, durante parada para um lanche na boca do rio Cupari, lá onde ele se une com o Tapajós.

Estávamos fazendo o levantamento da expedição de caiaques "Tabuleiro de Monte Cristo", que acontecerá em setembro.

OBRA RARA COMPLETA 100 ANOS

As mesmas dores que hoje sofre o Xingu, em virtude da exigência de parir uma hidrelétrica a qualquer custo (a fim de satisfazer demanda de energia do sudeste do Brasil), não tardarão a sentir o Tapajós.

Versando sobre o “valle tapajónico” existe uma obra que está completando cem anos. Ela foi escrita por Raymundo Pereira Brasil, à época intendente municipal de Itaituba, para ser apresentada à Exposição Nacional da Borracha de 1913, no Rio de Janeiro.

Na seção de obras raras da biblioteca do Estado encontrei dois exemplares da “monographia”. Naquele que tive em mãos tem anotado que custou Cr\$ 300,00 e pertenceu ao governador Moura Carvalho.

O CONVITE DO AMIGO

Não era a primeira vez que aquele descendente de um francês fugido da Europa me convidava para conhecer a sua aldeia.

Diferentemente das outras vezes que eu desconversei, brincando que Urucurituba não estava sequer no mapa, afirmei que o convite estava aceito desde que a viagem fosse feita de caiaque e sem barco de apoio, no estilo aventura radical.

O avô dele, Henri Rostand, que não queria saber de guerras, atravessou o Atlântico viajando clandestinamente até o porto de Salvador. Depois, seguiu para Belém, onde arrumou uma companheira e subiu o rio Amazonas até a foz do rio Tapajós, estabelecendo-se em Santarém.

Naquela época, final da década de 1920, dois navios de guerra, agora transformados em embarcações de transporte de carga, vindos dos EUA, aportaram em Santarém.

Eles deveriam seguir pouco mais de 200 km rio acima, onde seria construída uma pequena cidade nos moldes daquelas existentes no meio oeste norte americano.

Era verão e o rio estava no seu nível mais baixo. Os navios tiveram que aguardar.

Henri Francês, entretanto, não tardou em subir o Tapajós e foi trabalhar nas plantações já iniciadas da empresa Ford. Dali seria expulso te